

# A SOCIOLOGIA POLÍTICA DE LUIZ WERNECK VIANNA

THE POLITICAL SOCIOLOGY OF LUIZ WERNECK VIANNA

**Theófilo Rodrigues**

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), mestre em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Ciência da Sustentabilidade pela PUC-Rio e graduado em Ciências Sociais pela PUC-Rio. Realizou pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/Uerj). Foi professor substituto do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Candido Mendes (PPGSP/UCAM). É autor do livro *Partidos, classes e sociedade civil no Brasil contemporâneo* (Appris, 2021).

## RESUMO

O presente artigo analisa a sociologia política de Luiz Werneck Vianna e está estruturado em cinco seções. A primeira seção aborda sua juventude no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e no Centro Popular de Cultura da União Nacional de Estudantes (CPC/UNE). A segunda seção trata de *Liberalismo e sindicato no Brasil*, sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo (USP) que pode facilmente ser considerada um clássico da sociologia brasileira. A terceira seção apresenta Werneck Vianna como um dos principais intérpretes de Antonio Gramsci no Brasil. A quarta seção tem como ênfase a judicialização da política e as relações entre política e direito, tema que Werneck desenvolveu principalmente a partir da década de 1990. Discuto, por fim, o seu papel como intelectual público interessado na conjuntura política.

**Palavras-chave:** Luiz Werneck Vianna; Antonio Gramsci; judicialização da política.

## ABSTRACT

This paper analyzes the political sociology of Luiz Werneck Vianna. The paper is structured into five sections. The first section addresses his youth in the PCB and CPC of UNE. The second section deals with *Liberalismo e sindicato no Brasil*, his doctoral thesis defended at USP which can be considered a classic of Brazilian sociology. The third section presents Werneck Vianna as one of the main interpreters of Antonio Gramsci in Brazil. The fourth section focuses on the judicialization of politics and the relationship between politics and law. Finally, I discuss his role as a public intellectual interested in the political situation.

**Keywords:** Luiz Werneck Vianna; Antonio Gramsci; judicialization of politics.

## Introdução

“Eu nunca fui um sociólogo estrito senso, não é? Fiz Sociologia Política. Se fosse procurar um nicho, eu me sinto mais confortável na Sociologia Política, não na Ciência Política, e não na Sociologia estrito senso.”

(Vianna, 2008, p. 125)

“Eu sou socialista, comunista.”

(Vianna, 2008, p. 131)

No dia 21 de fevereiro de 2024, a sociologia brasileira perdeu um de seus maiores expoentes. Luiz Jorge Werneck Vianna faleceu com seus 86 anos de idade. Nascido no Rio de Janeiro de novembro de 1938, Werneck Vianna foi atuante no Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC/UNE); militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB); pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap); professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj); e presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). Soube, portanto, aliar com equilíbrio a pesquisa acadêmica de ponta com a militância política, a intervenção intelectual no debate público com a participação ativa na sociedade civil.

Este artigo, que é uma forma de homenagem ao mestre, articula a sua trajetória com a sua produção intelectual. A primeira seção aborda sua juventude no PCB e no CPC/UNE. A segunda seção trata de *Liberalismo e sindicato no Brasil*, sua tese de doutorado defendida na Universidade de São Paulo (USP), que pode facilmente ser considerada um clássico da sociologia brasileira. A terceira seção apresenta Werneck Vianna como um dos principais intérpretes de Antonio Gramsci no Brasil. A quarta seção tem como ênfase a judicialização da política e as relações entre política e direito, tema que desenvolveu principalmente a partir da década de 1990. Discuto, por fim, o seu papel como intelectual público interessado na conjuntura política.

Além de perpassar todos os livros de autoria de Werneck Vianna, três entrevistas foram muito úteis para este artigo. A primeira é de 2008, cedida a Maria Rita Loureiro, Elide Rugai Bastos e José Marcio Rebolho Rego para a Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (EAESP/FGV). A segunda entrevista é de 2010 e foi feita por Gisele Araújo, Christian Lynch, Joëlle Rouchou e Antonio Herculano para a revista *Escritos*, da Fundação Casa de Rui Barbosa. A terceira e última entrevista é de 2012 e foi realizada por Helena Bomeny e Karina Kuschmir para o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), no Rio de Janeiro.

O artigo conclui que Werneck, seguindo os passos sugeridos por Gramsci, nunca optou por uma sociologia incoerente, fragmentada, distanciada da realidade concreta. Ao contrário, sua



sociologia sempre buscou compreender o sentido geral do real e a dinâmica do poder; em outras palavras, sua sociologia sempre foi uma sociologia política.

### Um jovem comunista no CPC/UNE

“Pertencer ao Partido Comunista, para mim, era um projeto de vida.”

(Vianna, 2008, p. 117)

“Entrar para o Partido era um desígnio, era o meu destino natural, era onde eu ia ter os instrumentos para intervir, enfim.”

(Vianna, 2010, p. 347)

Criado no bairro de Ipanema, no Rio de Janeiro, estudante de colégios como Santo Inácio, Andrews, Pedro II e Anglo Americano, Werneck Vianna tinha tudo para ser formado como um jovem conservador de elite. Mas foi o mundo dos subalternos e dos comunistas o que mais o estimulou em sua juventude.

Entre 1958 e 1962, Werneck Vianna cursou Direito na Universidade do Rio de Janeiro – atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).<sup>1</sup> Foi no fim de sua graduação, entre 1961 e 1962, que entrou como militante no PCB, como articulador no CPC/UNE e como estudante no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Nesse período, conheceu um de seus grandes amigos, o fundador do CPC, Carlos Estevam Martins. “Minha exposição ao Centro Popular de Cultura (CPC) foi decisiva na vida. [...] o CPC me mostrou um outro mundo, uma outra possibilidade de intervenção. Já aí pela Cultura” (Vianna, 2008, p. 117). “Eu só vou estabelecer relações vivas, de entusiasmo com o partido comunista a partir do CPC, quando então a gente estabelece a comunicação direta com a rua, com os setores subalternos” (Vianna, 2012, p. 13). De fato, sua trajetória posterior no PCB seria sempre pela intervenção cultural. Sobre a atuação de Werneck Vianna no CPC, Martins (2012) relata que sua tarefa era criar CPCs fora do Rio.

Após o golpe militar, fez Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 1964 e 1967.<sup>2</sup> Nas Ciências Sociais da UFRJ, foi colega de Lincoln Bicalho Roque, militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que foi assassinado pela ditadura militar no Rio de Janeiro alguns anos depois. Diga-se de passagem, na comparação entre as biografias de Roque e Werneck, podemos ver também as diferenças entre o PCB e o PCdoB naquele momento de luta contra a ditadura. “Lincoln Bicalho Roque é um dos desaparecidos aí. Esse era o meu colega de turma, era um jovem inteligente, mas

<sup>1</sup> Em 1958, a instituição tinha o nome de Universidade do Rio de Janeiro. Em 1961, passou a se chamar Universidade do Estado da Guanabara. Em 1975, recebeu o nome que leva até os dias atuais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Em verdade, o vestibular para Ciências Sociais na UFRJ foi feito antes de março de 1964. A decisão de cursar Ciências Sociais, portanto, foi anterior ao golpe.

obstinado por essa coisa de luta armada e denúncia da esquerda anterior”, relembra Werneck Vianna (2019) em uma entrevista. Diferentemente de Roque e do PCdoB, que optaram naquele momento pela luta armada, Werneck Vianna e o PCB decidiram pelo caminho da política aberta de massas, pela transição democrática, pela via pacífica. Sobre esses dois projetos distintos, vale a pena ler um texto que escreveu em fins da década de 1980 intitulado “O Ocidente incompleto do PCB” (Vianna, 1989). Ali, vemos Werneck sustentar que o reformismo, a moderação e o compromisso com a democracia política fizeram do PCB “o partido de esquerda que mais lucidamente travou combate contra a ditadura”, enquanto a dissidência maoísta e revolucionária do PCdoB não passava de um “elo perdido e anacrônico” (Vianna, 1989, p. 161).

Após esse período, já voltado para as Ciências Sociais, Werneck Vianna se tornou professor de Sociologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e entrou para o mestrado no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), em 1969, na primeira turma formada. Contudo, não chegou a apresentar uma dissertação, pois teve que se exilar do país. Em 1970, quando estava para terminar o mestrado, a polícia o procurou para prendê-lo, acusado de ser comunista. Primeiro, fugiu para São Paulo, mas não ficou lá por muito tempo. Logo foi para o exílio no Chile, em 1971. Era o Chile de Salvador Allende, o presidente socialista eleito pela democracia liberal, mas que foi derrubado em 11 de setembro de 1973. Werneck Vianna também não ficou muito tempo por lá e retornou para o Brasil no mesmo ano. Como consequência, foi preso por cerca de seis meses, momento em que passou pela tortura.

Ao sair da prisão em 1971, foi para São Paulo bater na porta do amigo Carlos Estevam Martins que estava no Cebrap. “Como você está?”, teria perguntado Estevam ao receber o amigo na porta de casa. “Sem emprego”, respondeu Werneck Vianna. Estevam articulou então com Fernando Henrique Cardoso (1931-) a entrada de Werneck Vianna no Cebrap (Vianna, 2008). No Cebrap, coube-lhe inicialmente a tarefa de fazer uma Enciclopédia da Abril com fascículos sobre religião. “Por incrível que pareça eu consegui viver disto um bom tempo em São Paulo. Eles me pagavam religiosamente. Isto deve ser em 1972, 73. Aí, Estevão me apresenta a Weffort, no botequim. Em quinze minutos eu estava aceito no doutorado da USP” (Vianna, 2008, p. 120).

### *Liberalismo e sindicato no Brasil: a tese de doutorado na USP*

“A tese era feita como? Lendo Gramsci e vendo esta coisa nova aparecer no sindicato e discutindo com eles.”

(Vianna, 2008, p. 121)

“Porque a minha tese era uma tese endurecida do ponto de vista político, enfim, uma tese marxista.”

(Vianna, 2019, p. 26).



Foi com Estevam e com o Cebrap que Werneck Vianna conheceu Francisco Weffort (1937-1921). Esse encontro foi determinante, pois foi a partir dali que Werneck foi aceito no doutorado na USP, em 1973, sob a orientação de Weffort e com bolsa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Intitulada *Liberalismo e sindicato no Brasil*, sua tese de doutorado foi defendida em 1976 no Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Trata-se de um verdadeiro clássico de interpretação sociológica do Brasil. Esse era o espírito do tempo para a sociologia brasileira na década de 1970. Naquele mesmo momento foram publicadas obras como *A revolução burguesa no Brasil*, de Florestan Fernandes (2006), e *Capitalismo autoritário e campesinato*, de Otávio Velho (1979). *Liberalismo e sindicato no Brasil* (1976) está inserido nesse contexto.

A grande contribuição de Werneck Vianna foi inserir, de forma pioneira, Antônio Gramsci (1891-1937) nos debates sociológicos da USP e do Cebrap sobre a interpretação do Brasil. “Weffort não tinha lido Gramsci, eu chego com Gramsci. Weffort se interessa por aquilo”, registra Werneck Vianna (2008, p. 120). Werneck Vianna articulou com precisão os conceitos de via prussiana de Lenin, de revolução passiva de Gramsci e de modernização conservadora de Barrington Moore Jr. para demonstrar como o Brasil representava mais um caso de modernização capitalista feita pelo alto, de forma autoritária, sem o moderno. Dito de outra forma, as elites agrárias tradicionais organizaram acordos e impulsionaram o capitalismo no Brasil, sem grandes alterações na estrutura de classes (Vianna, 1976).

Ele sempre dava um jeito de encaixar essa temática em seus textos. Algumas vezes de forma um tanto curiosa. Esse foi o caso da *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque, que foi publicada como livro em 1978. A apresentação desse famoso musical de Chico foi escrita por Werneck (1978b): “O arcaico vinha à luz pelo ventre do arcaico e do tradicional. [...] O passado reverenciará o moderno, instalando-o, mas cobrando o pedágio da sua conservação”, são apenas algumas das muitas frases que encontramos na apresentação da *Ópera do Malandro* que remetem ao tema de *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Seu relato sobre esse encontro é divertido: “De modo que quando Chico vai fazer a *Ópera do Malandro*, ele me pede para ler, para conversar com ele. Eu acho que foi o único dia em que meus filhos me olharam com admiração, quando Chico tocou a companhia, entrou na minha casa, para falar comigo” (Vianna, 2019, p. 25). Naquele mesmo ano de 1978, publicou no *Cadernos Cedec* o que era para ser um simples artigo sobre o lugar do pequeno Partido Democrata Cristão (PDC) no sistema partidário brasileiro. Mas como para Werneck Vianna nada era tão simples, o artigo se transformou num grande ensaio de interpretação sociológica do país, com ênfase no papel da Igreja, utilizando as mesmas categorias de Lenin, Gramsci e Barrington Moore Jr. que estavam presentes em *Liberalismo e sindicato no Brasil* (Vianna, 1981).

*Liberalismo e sindicato no Brasil* é uma obra marcadamente marxista. Não é trivial que Werneck Vianna tenha ido para Moscou em 1974 para fazer um curso de teoria política na União

Soviética. Mas o que significa ser marxista? Werneck Vianna explica que o marxismo não é um dogma e nem apenas uma ciência. O marxismo, diz ele, “constitui acima de tudo uma práxis orientada para a transformação da sociedade, concebida no tempo da dominação do modo de produção capitalista, com vistas a preparar e conduzir o surto de uma sociedade sem classes” (Vianna, 1978a, p. VI). Dito de outra forma, “será marxista a práxis que formular a um só tempo o sistema de leis do processo objetivo e contraditório em curso e o programa de ação transformadora para a vontade coletiva interessada numa outra forma de convivência social” (Vianna, 1978a, p. VII).

Isso tudo pesou na construção daquele magnífico livro que é um verdadeiro clássico da sociologia brasileira. “A minha identidade marxista não é uma identidade fácil. Dois intelectuais marxistas mais jovens que eu uma vez me interpelaram: ‘Você é um marxista que quase não cita Marx!’. Eu sempre estou com esses elementos de heterodoxia me rondando, mas a minha formação foi marxista brabo”, diz Werneck Vianna (2010, p. 360). Com efeito, seria um exagero dizer que sua obra quase não cita Karl Marx (1918-1983) ou marxistas. Entre os autores do pensamento marxista que figuram em *Liberalismo e sindicato no Brasil* estão Lenin, Pachukanis, Neumann, Althusser, Poulantzas,<sup>3</sup> Miliband, Lukács, Cerroni e, claro, Gramsci.

### O Gramsci de Werneck Vianna

Já foi mencionado que Gramsci é um referencial fundamental em *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Mas de onde veio esse Gramsci? Em entrevista concedida para Gisele Araújo Christian Lynch, Joëlle Rouchou e Antonio Herculano, Werneck Vianna explica que a sua leitura de Gramsci não foi adquirida na academia, mas sim no PCB: “A primeira vez que eu ouvi uma referência a Gramsci não foi na UFRJ, foi de um intelectual negro do PCB, favelado, de codinome Crioulo Edgar, numa reunião onde ele utilizou Gramsci como uma referência” (Vianna, 2010, p. 352). Em outra entrevista, Werneck Vianna repete esse relato, mas com mais profundidade:

Olha, a primeira vez que eu ouvi referência a Gramsci foi de um militante do Partido Comunista, negro, de origem favelada, aqui do Rio. Dos intelectuais mais finos que eu conheci na minha vida. Morreu louco. Viveu na clandestinidade todo o tempo. Não sei o que houve com ele na clandestinidade que ele não aguentou. Mas esse homem mobilizava Gramsci em intervenções no interior do Partido. A gente não conhecia, nunca tinha visto. Depois, quem introduziu Gramsci aqui foi o Leandro, o Carlos Nelson Coutinho, na *Civilização Brasileira*, em 1978. E foi o Ênio Silveira que bancou aquilo que, de início não vendia nada. Algum tempo depois, entrava-se na livraria e

<sup>3</sup> Em um trabalho sobre a recepção de Nicos Poulantzas (1936-1979) na sociologia política brasileira da década de 1970, publicado alhures, tive a oportunidade de demonstrar que o marxista grego foi recuperado por Werneck Vianna, em *Liberalismo e sindicato no Brasil*, em três ocasiões: (1) para criticar o mito da revolução francesa como expressão modelar da revolução burguesa; (2) para confirmar a hipótese de Lenin acerca das duas vias do desenvolvimento capitalista – norte-americana e prussiana –; (3) e para a discutir a possibilidade de uma institucionalização totalitária “pelo alto” independentemente da ação mobilizadora de um partido fascista (Rodrigues, 2021).



comprava-se o Gramsci por quilo. Foi estourar depois. Quando o tema da política vem de volta com a abertura, com a transição, todas as categorias do Gramsci se tornam muito atuais. Tornam-se como se viu dominante para os intelectuais brasileiros que participaram da transição, apropriado pela direita, pela esquerda. E logo depois entra na Universidade, especialmente, no Serviço Social, na Pedagogia e do jeito que se sabe que foi apropriado lá (Vianna, 2008, p. 120).<sup>4</sup>

É como se a leitura de Gramsci que foi feita em algum momento da primeira metade da década de 1970 tivesse promovido em Werneck Vianna um corte epistemológico, se quisermos adotar aqui a expressão de Louis Althusser (1918-1990) sobre Marx. Como é sabido, Althusser (2015, p. 25) sugere a existência de quatro fases na obra de Marx: (1) a primeira, de 1840-1844, é definida como obras de juventude; (2) a segunda, de 1845, como obras do corte; (3) a terceira, de 1845-1857, como obras de maturação; (4) e a quarta, de 1857-1883, como obras da maturidade. Em 1845, argumenta Althusser (2015), teria havido um corte epistemológico na obra de Marx, em particular com *A ideologia alemã* (1932) e as *Teses sobre Feuerbach* (1888). No caso do jovem Marx, esse corte epistemológico se deu com 27 anos de idade. No caso de Werneck Vianna, essa virada se dá por volta dos 35 anos, quando escrevia *Liberalismo e sindicato no Brasil*. O próprio Werneck Vianna parece autorizar essa interpretação:

Naquele trabalho, pela primeira vez, dei-me conta das amplas possibilidades de análise da categoria revolução passiva, elaborada por Gramsci em suas extensas notas sobre o Risorgimento italiano, como recurso de interpretação para o processo de modernização autoritária desencadeado no Brasil, sob a égide do Estado corporativo da década de 1930 (Vianna, 2004, p. 39).

No ano de 1968, a editora Civilização Brasileira publicou dois livros de Gramsci inspirados em seus *Cadernos do cárcere: Maquiavel, a política e o Estado moderno* e *Os intelectuais e a organização da cultura*.<sup>5</sup> São precisamente esses dois livros que Werneck Vianna cita em *Liberalismo e sindicato no Brasil*.<sup>6</sup> Sua leitura naquele momento é temperada pela obra de alguns comentaristas de Gramsci, como a francesa Christine Buci-Glucksmann, autora de *Gramsci e o Estado*,<sup>7</sup> e o italiano Luciano

<sup>4</sup> Werneck Vianna diz nessa entrevista: “quem introduz Gramsci aqui foi o Leandro, o Carlos Nelson Coutinho, na Civilização Brasileira, em 1978”. Provavelmente ele queria dizer 1968, que foi o ano em que a Civilização Brasileira publicou as obras de Gramsci.

<sup>5</sup> Editor da Civilização Brasileira, o comunista Ênio Silveira teve um papel importante para a repercussão de Gramsci no Brasil. O recrudescimento da ditadura militar em 1968, no entanto, fez as suas publicações diminuírem.

<sup>6</sup> Mesmo antes da publicação desses dois livros, Gramsci já era lido no Brasil, ao menos entre os comunistas e alguns outros intelectuais. Ver Secco (2000) e Coutinho (2007).

<sup>7</sup> De Christine Buci-Glucksmann, Werneck Vianna leu o original em francês publicado em 1974, pois a tradução em português apareceu pela editora Paz e Terra apenas em 1980. Essa tradução foi feita por Angelina Peralva, socióloga que se encontrava exilada na França naquele período. Peralva foi uma grande tradutora da editora Paz e Terra dos livros sobre Gramsci publicados originalmente em francês. Ela fez ainda a tradução de *Gramsci e o bloco histórico*, livro de Hugues Portelli (1977), autor que Werneck Vianna menciona em *Liberalismo e sindicato no Brasil*, e de *A favor de Gramsci*, livro de Maria-Antonietta Macciocchi publicado em 1976.

Gruppi, autor de *O conceito de hegemonia em Gramsci*.<sup>8</sup> Diga-se de passagem, dois anos após a publicação de *Liberalismo e sindicato no Brasil*, Werneck Vianna foi o responsável por escrever a apresentação da tradução do livro de Gruppi. Nessa apresentação, ele corrobora a tese de Gruppi – para desespero do pensamento liberal – de que Gramsci é acima de tudo um leninista.

A partir de *Liberalismo e sindicato no Brasil* toda a obra de Werneck Vianna dialogará de algum modo com Gramsci. As interpretações sobre Gramsci podem ser as mais diversas, muitas vezes opostas. Gramsci escreveu na prisão cerca de 30 cadernos, de forma não tão organizada. Após a sua morte, esses cadernos foram organizados por temas, os chamados *Cadernos do cárcere*, mas ainda assim há certa dispersão entre eles. Cada intérprete de Gramsci busca sublinhar com maior ênfase um conjunto de cadernos em detrimento de outro, o que acaba por gerar interpretações conflituosas sobre o autor. E essas diferenças podem aparecer dentro de um mesmo autor. Como já mencionei, Werneck Vianna reconhecia Gramsci como um leninista em suas primeiras obras. De fato, ele sempre relacionou Gramsci com Lenin. Contudo, em sua fase mais madura, expressa em *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil* (2004), ele preferiu criar laços mais intensos entre Gramsci e o liberal Alexis de Tocqueville (1805-1859).<sup>9</sup>

Werneck vê nos cadernos sobre americanismo e fordismo um Gramsci mais tocqueviliano, se é que isso pode ser dito. Sob esse diapasão, há uma forte valorização da sociedade civil e das transformações feitas por baixo, em contraponto ao Estado. Mas essa não é a única forma de se ler Gramsci. É possível ler o italiano pelos cadernos sobre Maquiavel e o Estado, um Gramsci mais leninista. Esse grupo de intérpretes, que Werneck Vianna enquadra como “Partido Maquiavel”, “tem como objetivo trazer a primeiro plano o tema da ruptura, e o que seria jacobinismo em Gramsci, em oposição ao ‘partido’ adversário em sua valorização das ‘transformações moleculares’ no processo de mudança social” (Vianna, 2004, p. 75). Para essa interpretação, a sociedade civil surge como um instrumento da luta de classes, como uma arena para a disputa do Estado, como trincheira de acumulação de forças. Com efeito, as duas interpretações são marxistas, na medida em que buscam, em última instância, a superação do Estado. A diferença é que uma leitura valoriza mais o momento leninista da tomada do Estado como etapa de transição do que a outra.<sup>10</sup>

Aliás, esse desejo pela superação do Estado não estaria apenas entre as diferentes interpretações gramscianas, marxistas, mas também entre o próprio marxismo e o liberalismo,

<sup>8</sup> De Gruppi, Werneck também leu o original publicado em Roma em 1972. A tradução de *O conceito de hegemonia em Gramsci* foi feita por Carlos Nelson Coutinho e publicada pela Graal em 1978.

<sup>9</sup> A conexão Gramsci-Tocqueville também aparece no prefácio que escreveu para *O quinto século*, livro de Maria Alice Rezende de Carvalho publicado em 1998; ver Vianna (1998).

<sup>10</sup> Para Werneck Vianna, o fato de o presidente da Fundação Instituto Gramsci, Giuseppe Vacca, ter leitura semelhante sobre o americanismo, seria um indício de que sua tese estaria mais próxima da interpretação mais acertada. Essa leitura do italiano está em Vacca (2012).



segundo Werneck Vianna (2008, p. 131): “Acho que há uma verdade entre os que têm uma convergência entre o Marxismo e o Liberalismo. Uma convergência no fim. No fim. [...] Acho que há uma Utopia de fim de Estado. Eles têm, nós temos, nós marxistas”. Interpretação curiosa dita por um marxista. Afinal, os marxistas sempre consideraram que a crítica do Estado feita pelo liberalismo é ilusória, um falseamento da realidade, pois os liberais precisam do Estado para a defesa da propriedade privada, precisam do Estado como comitê executivo de seus assuntos (Marx; Engels, 2010).

Seja como for, foi com *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*, livro de 1997 que recebeu o Prêmio Sérgio Buarque de Holanda da Biblioteca Nacional, que a sua obra ficou registrada como a de um dos principais intérpretes de Gramsci no país. Essa coletânea reúne alguns de seus artigos publicados originalmente em revistas como a *Dados* e a *Lua Nova*. Nesses textos, aparecem de forma mais explícita as bases do programa de Werneck Vianna para o Brasil: as transformações moleculares, sem ruptura, o reformismo gradual construído pela sociedade civil, em outras palavras, a revolução passiva pela via do americanismo. Aqui vale uma breve explicação: nos *Cadernos do cárcere*, Gramsci sugere a existência de três tipos de revolução passiva: (1) a da Revolução Francesa, caracterizada pela fórmula Revolução-Restauração; a do Risorgimento italiano, caracterizada pela fórmula “revolução sem revolução”, em que as transformações acontecem pelo alto, sem erupções insurrecionais e com a conservação do sistema político; e a do americanismo, que também é caracterizada pela fórmula “revolução sem revolução”, mas em que as transformações acontecem por baixo, pelas forças produtivas, pela sociedade civil. Werneck Vianna identifica nesse modelo americanista de revolução passiva um registro positivo. Grosso modo, poderíamos dizer que o seu programa seria fazer o Brasil transitar do Risorgimento para o americanismo.

Essa construção é, no entanto, polêmica. Afinal, o próprio Gramsci registrou no *Caderno 15* que, “Portanto, não teoria da ‘revolução passiva’ como programa, como foi nos liberais italianos do Risorgimento, mas como critério de interpretação, na ausência de outros elementos ativos de modo dominante” (Gramsci, 2011, p. 332). Ou seja, de acordo com o próprio Gramsci, a revolução passiva não era um programa político a ser adotado, mas sim um instrumento para a avaliação do processo histórico de desenvolvimento de determinadas formações sociais. Será que Werneck Vianna, ao advogar pela revolução passiva como programa, estaria sendo anti-gramsciano? Brincadeiras à parte, o fato é que *A revolução passiva...* o registrou como um dos grandes intérpretes de Gramsci no Brasil.

### A transição democrática na década de 1980 e o rompimento com o PCB

Werneck Vianna começou a dar aulas na Universidade de Campinas (Unicamp) levado por Carlos Estevam Martins, mas a experiência foi breve e ele imediatamente retornou ao Rio, onde se tornou professor do Iuperj no início da década de 1980. Desde então, sua vida se consolidou



no Rio de Janeiro. É nesse momento que gira com maior empenho sua militância política para dentro do PCB.

Cabe uma contextualização. O revolucionário Partido Comunista do Brasil (PCB), que liderou a Revolta Comunista de 1935 e elegeu uma relevante bancada de parlamentares em 1946, passou por um processo de mudança importante no fim da década de 1950. Com a “Declaração de Março”, de 1958, o PCB optou por um giro programático que trouxe a questão democrática para o centro da sua estratégia e o “caminho pacífico da revolução brasileira” como orientação tática. Sob a liderança de Luís Carlos Prestes (1898-1990), essa Declaração foi confirmada pelo 5º Congresso, em 1960, que inclusive mudou o nome do PCB para Partido Comunista Brasileiro. O campo mais revolucionário do partido, insatisfeito, rompeu com a direção majoritária em 1962 e reorganizou o Partido Comunista do Brasil com uma nova sigla: PCdoB. Entre esses revolucionários estavam quadros históricos do partido, como Maurício Grabois, João Amazonas, Diógenes Arruda, Pedro Pomar e outros. Assim, o movimento comunista passou a ter dois partidos no Brasil: o moderado – alguns preferem o termo revisionista – PCB e o revolucionário PCdoB. Em 1967, o 6º Congresso do PCB reafirmou aquela linha da via pacífica levantada na Declaração de 1958. Já o PCdoB passou a caminhar na direção da luta armada, que culminou com a Guerrilha do Araguaia no início da década de 1970.<sup>11</sup>

Em fins da década de 1970, contudo, Prestes passou a dar uma guinada à esquerda, que gerou incômodo no interior do PCB, entre os defensores da chamada questão democrática. Leandro Konder (1936-2014), que era um dos jovens defensores dessa linha da questão democrática, disse o seguinte sobre aquele momento: “Cortejando as correntes de ultraesquerda, Prestes vem sustentando que o ‘pacifismo’ do PCB na época do 6º Congresso teria levado muitos jovens a se afastarem do partido e a partirem para a luta armada [...]”. Disse, ainda, que, “forçando uma equiparação mecânica do socialismo à democracia, Prestes passou a dissolver a questão da democracia na questão do socialismo” (Konder, 1980, p. 138). O PCB passou a ter em seu interior três correntes: a dos jovens renovadores, que tinham na questão democrática o seu programa; uma corrente mais pragmática; e a corrente mais à esquerda, liderada por Prestes. Werneck Vianna sempre se reconheceu dentro da linha adotada pela “Declaração de Março” e sempre defendeu a questão democrática como o centro da agenda do PCB. Estava, portanto, na corrente dos renovadores, ao lado de nomes como Marco Aurélio Nogueira, Gildo Marçal Brandão, Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder.<sup>12</sup> Esses renovadores se aglutinaram em torno do jornal *Voz da Unidade*, criado em 1980 como porta-voz

<sup>11</sup> Uma importante leitura sobre esse processo na ciência política, embora com viés claro em favor do grupo da questão democrática e da via pacífica, é a que foi formulada por Gildo Marçal Brandão em *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista (1920-1964)* (1997). Ele sugere que o PCB tinha duas almas: uma negativa, marcada pelo projeto insurrecional de origem; e outra positiva, parlamentar e democrática da década de 1960. Brandão foi o primeiro editor do *Voz da Unidade*, onde atuou ao lado de Werneck Vianna.

<sup>12</sup> O grande documento teórico dessa corrente era o artigo de Coutinho chamado “A democracia como valor universal”, que foi publicado em 1979; ver Coutinho (1979).



do partido.<sup>13</sup> Mas a experiência não durou muito tempo. A corrente majoritária logo expulsou os renovadores da direção do *Voz da Unidade*. Em decorrência desse processo, muitos deles deixaram o PCB em 1982. Do outro lado, o próprio Prestes acabou se afastando do PCB. Esse é o contexto em que ocorre o 7º Congresso do PCB em 1982, sem Prestes e sem os renovadores. Como bem registra Pandolfi (1995, p. 224), “ao final do VII Congresso, o PCB não era nem o partido daqueles que haviam lutado pela democracia como um valor histórico universal, nem o partido de Prestes”.<sup>14</sup>

Mas isso não significava aceitar o silêncio. Werneck Vianna fundou então a revista *Presença*, em 1983, seu novo instrumento para a intervenção política nos rumos do país e do movimento comunista. “Eu ainda criei uma revista, a *Presença*, que, na verdade, era um instrumento de tentativa de organizar um movimento democrático no interior do partido comunista”, relembra em uma entrevista (Vianna, 2019, p. 32). Ao lado de sociólogos como Maria Alice Rezende de Carvalho, Marco Aurélio Nogueira e Milton Lahuerta, atuou na *Presença* até o seu fim, em 1992.

Com a transição democrática e a volta do pluripartidarismo no início da década de 1980, Werneck Vianna optou por uma mudança de filiação partidária. Migrou para o PMDB e, em 1983, já constava seu nome como suplente em uma chapa liderada por Artur da Távola (1936-2008) para disputar o diretório regional do partido no Rio de Janeiro. Ao lado de Werneck Vianna aparecem os nomes de diversos intelectuais e personagens do mundo cultural, compondo aquela chapa para o diretório do PMDB-RJ, como Carlos Lessa, Moisés Vinhas, Maria da Conceição Tavares, Ferreira Gullar, Chico Buarque e Ziraldo. No ano seguinte, em 1984, realizou seu pós-doutorado na Universidade de Milão (Itália).

Em 1986, seu compromisso com o PMDB já era explícito. Foi candidato do partido no Rio a deputado federal, eleição que formaria a Assembleia Constituinte. Werneck Vianna não tinha interesse em outros cargos, sua vontade era contribuir decisivamente para a formulação da nova Constituição do país. Mas os eleitores não tinham essa mesma compreensão. A coligação formada por PMDB e PCdoB, intitulada Aliança Popular Democrática, lançou 72 candidatos no Rio, sendo 69 pelo PMDB e três pelo PCdoB.<sup>15</sup> Essa coligação elegeu 14 deputados federais, sendo 13 do PMDB e um do PCdoB. Com apenas 4.032 votos, Werneck Vianna ficou na 54ª posição, longe de assumir a vaga na Constituinte.<sup>16</sup> Além de Werneck Vianna, outros intelectuais

<sup>13</sup> Werneck Vianna reuniu alguns dos artigos que publicou no *Voz da Unidade* e os lançou em seu livro *A classe operária e a abertura*, de 1983; ver Vianna (1983).

<sup>14</sup> Werneck Vianna descreve todo esse processo histórico que vai da “Declaração de Março” até a crise do início da década de 1980 em pelo menos dois livros: na “Apresentação” de *A classe operária e a abertura* (1983); e no artigo “Questão nacional e democracia: o ocidente incompleto do PCB”, que compõe o livro *A transição: da Constituinte à sucessão presidencial* (1989).

<sup>15</sup> Em verdade, o PCdoB tinha apenas um candidato, Edmilson Valentim, que foi eleito com 43.730 votos. Os outros dois nomes estavam inscritos apenas para conseguir licenciamento para se dedicarem à campanha de Edmilson.

<sup>16</sup> O mais votado naquela coligação PMDB/PCdoB foi Artur da Távola, com 77.738 votos. Os resultados estão disponíveis em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1986/resultados>. Acesso em: 20 ago. 2024.



participaram daquela coligação, como Candido Mendes e Marcio Moreira Alves, todos com insucesso eleitoral.

### A judicialização da política e as relações entre política e direito

A partir da década de 1990, Werneck Vianna passou a ter um interesse cada vez maior pelo tema da sociologia do direito. Em parceria com Maria Alice Rezende de Carvalho, Marcelo Burgos e Manuel Palácios, publicou três importantes trabalhos dentro dessa temática: *O perfil do magistrado brasileiro* (1996); *Corpo e alma da magistratura brasileira* (1997) e *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil* (1999). Em 2015, foi a vez de publicar *Ensaaios sobre política, direito e sociedade*, coletânea em que reuniu seus artigos sobre o tema.

Nessa fase, sua bibliografia começou a passar por uma transformação. Em *Corpo e alma da magistratura brasileira*, autores como Marx, Poulantzas, Althusser e Gramsci aparecem, mas com menor frequência. Já Tocqueville passa a ser um autor relevante. Na obra seguinte, *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil*, Gramsci, Althusser e Poulantzas desaparecem, enquanto Marx possui uma única menção. Nesse livro, é Jürgen Habermas (1929-) quem emerge com potência. “O tema do consenso, hegemonia, da política fundada numa comunicação aberta, permanente, isso tudo, de certo modo, está revitalizado pela obra habermasiana, que é a mais influente do nosso tempo” (Vianna, 2018, p. 19), registrou em uma entrevista alguns anos depois. É como se Werneck Vianna visse em Habermas a atualização de Gramsci: “Hegemonia como um lugar de disputa de valores, de formação de consenso e, nesse sentido, este tema dialógico, hoje tão em voga depois da obra habermasiana, não deixa de encontrar suas primeiras manifestações na obra gramsciana” (Vianna, 2018, p. 16), avalia. Não seria despropositado dizer que, nas suas últimas duas décadas de vida, o autor que mais lhe chamou a atenção foi Habermas. “O que mais me atrai, de todos, é o Habermas, pegando na teoria do agente comunicativo sobre os sociólogos e filósofos”, respondeu ao ser perguntado em 2008 sobre qual autor da teoria sociológica contemporânea lhe faria mais sentido (Vianna, 2008, p. 133).

Nesse período, o ponto que merece maior atenção é o da judicialização da política. Em *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil*, Werneck Vianna trata esse processo por uma chave positiva, em que a judicialização surge como promotora de uma agenda cívica no país. Essa era a sua opinião em 1999. Em 2010, ele mantinha essa mesma opinião. “Eu vejo esse processo de forma positiva e, a essa altura, eu diria que a torcida do Flamengo também” (Vianna, 2010, p. 364), relatou em uma entrevista. Contudo, após a Operação Lava Jato, a sua interpretação sobre aquele fenômeno começou a mudar. Em suas palavras, “tenentes de toga” “começaram a ter comportamentos bizarros” (Vianna, 2018, p. 245). A judicialização passou a ser interpretada pela chave negativa.

## O intérprete da conjuntura política

“O que definiu mesmo identidade, meu caminho, foi a inserção na vida pública.”

(Vianna, 2008, p. 119)

Werneck Vianna sempre teve a preocupação de intervir no debate público. Era, de fato, um intelectual público. Essa intervenção se dava, principalmente, por meio de seus artigos na imprensa tradicional, mas também com ensaios que circulavam de formas distintas. De tempos em tempos, esses textos eram reunidos em coletâneas que faziam sucesso entre seus alunos.

Entre esses livros, registro: *A classe operária e a abertura* (1983), seu primeiro livro de análise de conjuntura; *Travessia: da abertura à Constituinte* (1986), que cobre o período que vai da abertura até a Constituinte; *A transição* (1989) que trata do período entre a Constituinte e a eleição presidencial de 1989; *De um plano Collor a outro* (1991) que trata do governo Collor; *Esquerda brasileira e tradição republicana* (2006), que cobre os governos de FHC e o primeiro governo Lula; *A modernização sem o moderno* (2011), sobre o segundo governo Lula; e, por fim, *Diálogos gramscianos sobre o Brasil atual* (2018) coletânea com entrevistas de Werneck Vianna que foram publicadas no período dos governos Dilma Rousseff (1947-) e Michel Temer (1940).

Todos esses livros são fundamentais para a compreensão de cada uma das conjunturas analisadas. Destaco, com maior importância do ponto de vista teórico, o último capítulo presente em *De um plano Collor a outro*. Intitulado “Ator, tempo e processo de longa duração em análises de conjuntura”, esse capítulo é uma verdadeira aula sobre como realizar uma análise de conjuntura. Nele, Werneck Vianna perpassa os grandes mestres da análise de conjuntura política: Maquiavel, Tocqueville, Marx, Lenin e Gramsci. “Ator, ação, interesse (paixões) e tempo consistem nas dimensões analíticas da conjuntura, momento e circunstância em que os homens fazem história, às vezes sabendo, noutras, sequer desconfiando disto, e, muito frequentemente, fazendo-a em sentido oposto à sua intenção” (Vianna, 1991, p. 126), sustenta o autor.

Nos últimos anos, Werneck Vianna concentrou seus artigos na crítica negativa ao governo de Jair Bolsonaro (1955-) e, mais recentemente, na leitura positiva sobre a construção da frente ampla em torno da chapa Lula/Alckmin. “No mundo desertificado da política atual não se pode fazer ouvidos moucos à importante iniciativa de dois próceres da nossa política, Lula e Alckmin, de conceber uma ampla coalizão a fim de, pela via eleitoral, fechar as portas para o caminho de desgraças que acomete o país” (Vianna, 2022, p.), escreveu em 10 de janeiro de 2022.

Werneck Vianna faleceu em 21 de fevereiro de 2024. Não pôde, portanto, avaliar todo o desenvolvimento do governo de frente ampla Lula/Alckmin. Olhando em retrospectiva, ele avaliou o seguinte em uma entrevista de 2012:

Porque houve uma tragédia política nesse país que foi a separação entre a democracia política e a democracia social. Que de forma caricatural, aparecem nessas duas legendas: o PT, de um lado. O PSDB, de outro. [...] A tragédia política

foi que essas duas dimensões tenham perdido conexão. O tema da revista *Presença*, que eu coordenei, esteve a todo o tempo orientado para juntar essas duas pontas. Essas duas dimensões. Que não se juntaram e ainda não estão se juntando. Eu não vejo saída para os impasses reais da esquerda brasileira enquanto ela não conseguir viver isso (Vianna, 2019, p. 35).

Dez anos depois, em 2022, essas duas pontas se juntaram em torno da frente ampla Lula/Alckmin. Alguém poderia dizer de forma poética – de fato, exagerada – que Werneck Vianna se despediu da vida quando seu programa finalmente deu indícios de ser realizado.

### Considerações finais

A minha preocupação é que as novas ciências sociais fiquem hoje apenas manipulando alfarrábios e deixem de procurar ver o mundo tal como ele está se organizando diante de nós. Isso eu acho ruim. O papel das ciências sociais no mundo de hoje é desvendar o que é essencial, o que estrutura o nosso mundo, o que não está à disposição da nossa vista comum e precisa ser interpretado, precisa ser devassado (Vianna, 2010, p. 366).

O título deste artigo é “A sociologia política de Luiz Werneck Vianna”. Sim, Werneck Vianna fez sociologia política. Na apresentação de 1978 para o livro de Luciano Gruppi, ele sugeria que “a inovação leninista, que Gramsci soube interpretar mais do que qualquer outro teórico posterior” foi a “sua conceituação da sociologia como disciplina auxiliar da ciência política” (Vianna, 1978a, p. XV). Isso acontece porque “a sociologia do cotidiano, das instituições, do sistema de crenças e dos valores vistos de *per se* não produziria mais do que uma visão fragmentada do real, sem qualquer coerência” (Vianna, 1978a, p. XV). A cientificidade da sociologia, segundo Werneck Vianna (1978a, p. XV), “dependeria da percepção destes como fenômenos vinculados à produção de uma concepção do mundo, de uma hegemonia moral e intelectual, dos meios de ‘direção social’, partes, portanto, constitutivas do poder”. Essa seria a sociologia marxista a ser feita, conforme Werneck Vianna. Essa é a sociologia política de Luiz Werneck Vianna.

Ao longo de sua trajetória, Werneck Vianna orientou dezenas de doutores no IUPERJ e na PUC-Rio – salvo engano, foram cerca de 35 no total. Entre 2013 e 2017, tive o prazer e a honra de tê-lo como orientador em meu doutorado realizado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio. Corro o risco de esquecer alguns nomes, mas entre os colegas que também foram orientados por ele no doutorado estão Alessandra Maia, Alexandre Veronese, André Videira, Antonia Colbari, Aurélio Wander, Carla Soares, Cassio Casagrande, Eduardo Magrone, Eduardo Monteiro, Felipe Maia, Fernando Perlatto, Gisele Cittadino, Igor Suzano, Leonardo Puglia, Leonardo Vilardi, Luiz Eduardo Motta, Manuel Palácios, Marcelo Burgos, Marcelo Diana, Marcelo Rosa, Marclin Felix Moreira, Marilson Santana, Maro Lara Martins, Mirela Silva, Nara Azevedo, Paula Salles, Paula Velloso, Paulo Perissé, Paulo Fabio Dantas Neto, Rafael

Abreu, Rodrigo Carelli, Rubem Barboza Filho, Vicente Riccio Neto, Washington Bonfim, entre outros. De maneiras distintas, por vezes contraditórias, o pensamento de Werneck Vianna tem longa vida em seus discípulos.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Por Marx*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista (1920-1964)*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BUCCI-GLUCKSMANN, Christine. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. In: SILVEIRA, Ênio et al. *Encontros com a Civilização Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. v. 9.
- COUTINHO, Carlos Nelson. O Gramsci no Brasil: recepção e usos. In: MORAES, João Quartim de. *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2007. v. 3.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. São Paulo: Globo, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. *Maquiavel: a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRAMSCI, Antonio. O Risorgimento: notas sobre a história da Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Cadernos do Cárcere, v. 5).
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- KONDER, Leandro. *A democracia e os comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- MACCIOCCHI, Maria-Antonietta. *A favor de Gramsci*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MARTINS, Carlos Estevam. Entrevista com Carlos Estevam Martins. [Entrevista cedida a Héglio Trindade]. In: TRINDADE, Héglio. *Ciências Sociais no Brasil: diálogos com mestres e discípulos*. Brasília, DF: Anpocs: Liber Livro, 2012. Entrevista cedida em julho de 2002.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: história e memória do PCB*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- RODRIGUES, Theófilo. A recepção de Poulantzas na sociologia política brasileira da década de 1970. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 20., 2021, Belém, PA. *Anais [...]*. Belém, PA: UFPA, 2021.
- SECCO, Lincoln. A pré-história de Gramsci no Brasil (1927-1974). *Revista Novos Rumos*, Marília, ano 15, n. 32, 2000.

- VACCA, Giuseppe. *Vida e pensamento de Antonio Gramsci (1926-1937)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- VELHO, Otávio. *Capitalismo autoritário e campesinato*. São Paulo: Difel, 1979.
- VIANNA, Luiz Werneck et al. *A judicialização da política e das relações sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- VIANNA, Luiz Werneck et al. *Corpo e alma da magistratura brasileira*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.
- VIANNA, Luiz Werneck et al. *O perfil dos magistrados brasileiros*. Rio de Janeiro: AMB: Iuperj, 1996.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A classe operária e a abertura*. São Paulo: Cerifa, 1983.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A modernização sem o moderno: análises de conjuntura na era Lula*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- VIANNA, Luiz Werneck. A propósito de uma apresentação. In: GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978a.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2004.
- VIANNA, Luiz Werneck. *A transição: da Constituinte à sucessão presidencial*. Rio de Janeiro: Revan, 1989.
- VIANNA, Luiz Werneck. *De um Plano Collor a outro*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Diálogos gramscianos sobre o Brasil atual*. Brasília, DF: Verbena, 2018.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Em política o que é, é*. São Leopoldo: IHU Online, 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/615772-em-politica-o-que-e-e-artigo-de-luiz-werneck-vianna>. Acesso: 2 ago. 2024.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Ensaaios sobre política, direito e sociedade*. São Paulo: Hucitec, 2015.
- VIANNA, Luiz Werneck. Entrevista sociólogos: Werneck Vianna. In: LOUREIRO, Maria Rita; BASTOS, Elide Rugai; REGO, José Marcio Rebolho (org.). *Conversas com sociólogos brasileiros: retórica e teoria na história do pensamento sociológico do Brasil*. Rio de Janeiro: EAESP/FGV, 2008. p. 114-140. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/9a3169df-92a2-4be9-8e33-2f6be1481301/content>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- VIANNA, Luiz Werneck. Entrevista. [Entrevista cedida a Gisele Araújo, Christian Lynch, Joëlle Rouchou e Antonio Herculano]. *Escritos*: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, ano 4, n. 4, p. 343-366, 2010. Disponível em: <http://escritos.rb.gov.br/numero04/werneck.pdf>. Acesso em: 2 ago. 2024.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Esquerda brasileira e tradição republicana: estudos de conjuntura sobre a era FHC-Lula*. Rio de Janeiro: Revan, 2006.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.



- VIANNA, Luiz Werneck. Luiz Werneck Vianna II (depoimento, 2012). [Entrevista cedida a Helena Maria Bousquet Bomeny e Karina Kuschnir]. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2019. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas\\_sociais/werneck\\_vianna/TranscricaoWerneckVianna.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/cientistas_sociais/werneck_vianna/TranscricaoWerneckVianna.pdf). Acesso em: 2 ago. 2024.
- VIANNA, Luiz Werneck. O americanismo: da pirataria à modernização autoritária (e o que se pode seguir). In: BUARQUE, Chico. *Ópera do malandro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978b.
- VIANNA, Luiz Werneck. O sistema partidário e o Partido Democrata Cristão. In: FLEISCHER, David (org.). *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília, DF: Editora UNB, 1981. v. I.
- VIANNA, Luiz Werneck. Prefácio. In: CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O quinto século: André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Travessia: da abertura à Constituinte*. Rio de Janeiro: Livraria Tauros Editora, 1986.